

## O TRAMAD E A ACESSIBILIDADE EM TRADUÇÃO NO BRASIL

ENTREVISTA COM MANOELA CRISTINA DA SILVA

\*Por: Arthur Vargens



A professora Manoela Cristina Correia Carvalho da Silva tem um histórico voltado para o ensino de inglês e tradução, tendo sempre dado destaque para acessibilidade, e, especialmente, para a audiodescrição. É graduada em Comunicação Social pela Universidade Católica do Salvador (UCSAL) e em Letras pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Em 2009, defendeu sua dissertação de mestrado, intitulada *Com os olhos do coração: estudo acerca da audiodescrição de desenhos animados para o público infantil*. Em 2010, tornou-se professora do Departamento de Letras Germânicas da UFBA. Atualmente, está cursando o doutorado em Educação, desenvolvendo mais uma pesquisa acadêmica sobre audiodescrição. Desde 2005, à época, aluna de graduação, ingressou no grupo TRAMAD – Tradução, Mídia e Audiodescrição, no qual atuou junto à professora Eliana Franco – autora do primeiro artigo desta edição – e uma grande equipe dedicada a trabalhos acadêmicos e extra-acadêmicos, buscando promover uma sociedade em que todos tenham vivências e oportunidades equânimes. É sobre esse grupo – que já completou 13 anos e segue, mantendo-se constante em suas atividades – que conversamos nesta entrevista.

## 01. O que é o TRAMAD?

O TRAMAD (Tradução, Mídia e Audiodescrição) é um grupo de pesquisa que se dedica ao estudo e promoção da acessibilidade em Tradução através de modalidades como, por exemplo, a AD (audiodescrição), a LSE (legenda para surdos e ensurdecidos) e a janela de Libras. Os integrantes do grupo, que agrega pesquisadores da UFBA, da UNEB e do IFBA, buscam aliar a pesquisa acadêmica à prática. Sempre que possível, esses pesquisadores empenham-se em tornar acessíveis eventos culturais (sessões de cinema, espetáculos de teatro, exposições de fotografia, etc.) e formar multiplicadores através de cursos e oficinas.

## 02. Como o TRAMAD surgiu?

O TRAMAD foi fundado pela Dra. Eliana Franco, que foi docente da UFBA por doze anos e se desligou da instituição em abril de 2014. Durante sua participação em um congresso internacional no final de 2004, ela foi apresentada à AD e decidiu tornar a modalidade o carro chefe das pesquisas do então grupo TRAM (Tradução e Mídia). Em 2005, o grupo foi renomeado e passou a se chamar TRAMAD, tornando-se o primeiro grupo de pesquisa em AD do Brasil. Hoje, o grupo é coordenado por mim e dedica-se não só ao estudo da AD, mas ao conceito mais amplo de acessibilidade em Tradução.

## 03. Em 2017, o TRAMAD completou 13 anos. Quais os principais acontecimentos que marcaram a história do TRAMAD até então?

O TRAMAD também foi responsável por tornar acessíveis diversos filmes, peças de teatro, exposições e conferências. Alguns dos nossos trabalhos mais marcantes foram a AD para o DVD do filme *Ensaio sobre a cegueira*, de Fernando Meirelles; a AD da montagem de *Os Três Audíveis*, o primeiro espetáculo brasileiro de dança a ser audiodescrito; e a AD da exposição *Jorge Amado e Universal* do MAM.

Também tivemos nosso trabalho reconhecido através de prêmios. Recebemos o prêmio *Hors Concours* do Festival *VerOuvindo* de Recife em 2015 e nosso roteiro do curta *Órun Àiyé* foi eleito como a melhor audiodescrição pelo júri popular na edição de 2017 do mesmo festival.

#### 04. Com que tópicos específicos o TRAMAD tem trabalhado?

O carro chefe das pesquisas do grupo continua sendo a AD. No momento, há pesquisas sendo desenvolvidas, por exemplo, sobre o humor em AD, a AD de jogos de futebol, a AD de imagens de livros didáticos, a AD para pessoas com deficiência intelectual e a AD de esculturas. No entanto, também pesquisamos outras modalidades de tradução. Um dos integrantes do grupo está desenvolvendo pesquisa sobre a LSE de uma peça de teatro, e outro sobre sinais em Libras usados em cursos técnicos.



EQUIPE DO TRAMAD

#### 05. Como se define acessibilidade? E acessibilidade audiovisual?

A lei 13.146/2015, que é a Lei Brasileira de Inclusão (LBI), também conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência, entrou em vigor em janeiro de 2016. Seu texto define acessibilidade como:

*“possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida”.*

Fica claro, portanto, que o conceito não se restringe à ideia da acessibilidade arquitetônica e supera em muito a mera oferta de, por exemplo, rampas e piso tátil. Além disso, também é possível perceber que o público-alvo da acessibilidade não é apenas formado por pessoas com deficiência, uma vez que “pessoas com mobilidade reduzida” incluem idosos, gestantes, pessoas com crianças de colo e obesos.

Logo, a acessibilidade é a forma pela qual podemos superar as diversas barreiras (urbanísticas, arquitetônicas, atitudinais, tecnológicas, nos transportes, nas comunicações e na informação) e garantir o acesso de todos a qualquer produto, ambiente ou serviço. Uma das formas de garantir a acessibilidade nas comunicações e na informação é a utilização de

recursos como a AD, a LSE e a janela de Libras. No entanto, a acessibilidade em Tradução (prefiro essa designação ao termo “acessibilidade audiovisual”) não se restringe a essas modalidades. Teóricos como Diaz Cintas e Orero defendem a ideia de que qualquer modalidade de tradução tem por objetivo tornar acessível algo que seria incompreensível aos seus receptores. A diferença é a natureza do impedimento por parte do público-alvo. No caso da legendagem aberta e da dublagem, por exemplo, essa barreira é linguística. No caso da AD, da LSE ou janela de Libras, ela é sensorial. Portanto, até mesmo as mais tradicionais modalidades de tradução (e não só as audiovisuais) seriam exemplos de acessibilidade em Tradução.

#### **06. Quando o tema da audiodescrição despertou interesse de investigação e atuação acadêmica, no Brasil e no mundo?**

As primeiras referências à AD em publicações especializadas na área de tradução datam do início dos anos 2000. Em 2003, foi lançada uma edição especial da revista *The Translator* dedicada à tradução audiovisual e, em sua introdução, Gambier cita a AD entre as 12 diferentes modalidades que compõem o gênero. No Brasil, o TRAMAD é pioneiro em pesquisas em AD, tendo iniciado seus trabalhos em 2005.

#### **07. O que contribuiu para que esse interesse surgisse naquele momento?**

O crescente interesse pela TAV (Tradução Audiovisual) e suas diversas modalidades, bem como o crescente interesse na temática da acessibilidade.

#### **08. Como o cenário político nacional atual pode interferir no tema da acessibilidade audiovisual e da audiodescrição, academicamente e extra-academicamente?**

O Brasil já conta com uma série de leis que garantem o direito à acessibilidade comunicacional nos mais diferentes contextos. Todo projeto audiovisual financiado com recursos públicos federais geridos pela Agência Nacional do Cinema (ANCINE), por exemplo, deve contemplar recursos como a AD, a LSE e a janela de Libras. Entretanto, como é habitual em nosso país, a existência da legislação não garante que esses direitos saiam do papel. Num momento de instabilidade como o que vivemos e de tantos cortes, é preciso pressionar para que a acessibilidade deixe de ser vista como um “artigo de luxo” e passe a ser priorizada. Afinal, o acesso universal à comunicação e à informação é uma das bases de um regime verdadeiramente democrático.

Quanto a pesquisas, o interesse sobre a temática da acessibilidade tem crescido a cada ano. Alguns teóricos postulam o nascimento de um novo campo ou área do saber: os Accessibility Studies (Estudos em Acessibilidade). O novo campo aglutinaria

pesquisadores da Tradução, Comunicação, Psicologia, Educação, Ciência e Tecnologia, etc. Pessoalmente, vemos esse interesse com muito bons olhos. Num momento político tão difícil, dar visibilidade ao tema da acessibilidade é lutar pelos direitos humanos, ou seja, pela bandeira de que todos nascemos iguais em dignidade e direitos e que devemos agir com espírito de fraternidade uns para com os outros, promovendo o respeito, a aceitação e o suporte necessário para as diferenças

### 09. Quais os maiores desafios para a audiodescrição na Bahia e no Brasil?

Hoje a AD, a LSE e a janela de Libras são direitos garantidos por lei. Entretanto, a mera presença da AD, da LSE e da janela de Libras não garante a acessibilidade porque, na maioria das vezes, o único critério usado para a escolha dos prestadores desses serviços é o preço. No entanto, preço barato não é sinônimo de qualidade. É por isso que vemos janelas que não respeitam as dimensões necessárias e audiodescrições confusas e mal narradas. Há empresas de tradução no mercado que nem sequer sabem diferenciar LSE de *closed caption*. Outros problemas são os prazos apertadíssimos e a relutância em pagar pelo serviço dos consultores (integrantes do público-alvo que fazem a revisão dos roteiros). O maior desafio para quem trabalha com acessibilidade em Tradução, portanto, é educar o mercado para que entenda a complexidade de se tornar um material acessível e para que a acessibilidade não seja deixada para a última hora.



EQUIPE DO TRAMAD

\* As fotos exibidas nesta publicação foram cedidas pela entrevistada e devidamente autorizadas pelos terceiros envolvidos.